



2186 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

AS FONTES PEDAGÓGICAS LATINO-AMERICANAS NUMA PERSPECTIVA FEMINISTA
Graziela Rinaldi da Rosa - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul
Agência e/ou Instituição Financiadora: PNPd/CAPES

RESUMO: Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em estágio pós doutoral, abordando temáticas no campo da Educação Popular e Epistemologias Feministas. Evidencia a busca por mulheres que compõem as fontes pedagógicas da América Latina. A partir das metodologias qualitativas numa perspectiva bibliográfica, busca-se problematizar *os feminismos e as mulheres como fontes pedagógicas latino-americanas*, e apresentar os objetivos, contextualizar a pesquisa, para dialogarmos com autoras, como: Nísia Floresta, Rosa Maria Rodriguez Magda, Marcela Lagarde, Graciela Hierro, Francesca Gargallo, Claudia Korol e Luz Ochoa. Serão apresentados os percursos realizados para a busca pelas Mulheres das Fontes Pedagógicas, ou seja, os caminhos metodológicos. Por fim, passamos a olhar para a *Educação Popular e Feminismos*, endossando a ideia de que *as mulheres desafiam a Educação Popular com seus temas, sujeitas/sujeitos e metodologias participativas*. As pensadoras feministas latino-americanas sustentam nossa pesquisa, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto metodológico, nos inquietando para seguir nessa busca.

Palavras-chave: Educação Popular. Pedagogia Feminista. Epistemologias Feministas. Mulheres nas Fontes Pedagógicas Latino-americanas.

AS FONTES PEDAGÓGICAS LATINO-AMERICANAS NUMA PERSPECTIVA FEMINISTA

RESUMO: Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em estágio pós doutoral, abordando temáticas no campo da Educação Popular e Epistemologias Feministas. Evidencia a busca por mulheres que compõem as fontes pedagógicas da América Latina. A partir das metodologias qualitativas numa perspectiva bibliográfica, busca-se problematizar *os feminismos e as mulheres como fontes pedagógicas latino-americanas*, e apresentar os objetivos, contextualizar a pesquisa, para dialogarmos com autoras, como: Nísia Floresta, Rosa Maria Rodriguez Magda, Marcela Lagarde, Graciela Hierro, Francesca Gargallo, Claudia Korol e Luz Ochoa. Serão apresentados os percursos realizados para a busca pelas Mulheres das Fontes Pedagógicas, ou seja, os caminhos metodológicos. Por fim, passamos a olhar para a *Educação Popular e Feminismos*, endossando a ideia de que *as mulheres desafiam a Educação Popular com seus temas, sujeitas/sujeitos e metodologias participativas*. As pensadoras feministas latino-americanas sustentam nossa pesquisa, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto metodológico, nos inquietando para seguir nessa busca.

Palavras-chave: Educação Popular. Pedagogia Feminista. Epistemologias Feministas. Mulheres nas Fontes Pedagógicas Latino-americanas.

Feminismos e Mulheres como Fontes Pedagógicas Latino-americanas

Uma introdução

"[...] a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nasçam* para o mundo" (ARENDRT, 2003, p. 223).

A epígrafe de Hannah Arendt nos mostra uma concepção política de educação. Aponta a ideia de que a educação abre caminhos, faz os sujeitos nascerem para o mundo. Do ponto de vista feminista, temos denunciado a falta de acesso das meninas e mulheres na Educação, as precárias condições de estudo das mesmas, as violências, preconceitos e desigualdades que sofrem, bem como seus silenciamentos e opressões. As feministas têm tirado do anonimato as mulheres da história, da filosofia, pedagogia, as mulheres de movimentos sociais, líderes comunitárias, entre outras.

Ainda não temos inserido as mulheres das fontes pedagógicas da América Latina nas salas de aulas. Com isso podemos contribuir para que conheçamos as mulheres nas fontes pedagógicas da América Latina, aproximando os estudos feministas que compõem um movimento de valorização dos saberes e fazeres de mulheres. Sabemos que:

La educación popular feminista incorpora un análisis sobre la intersección entre la opresión de género, raza, clase, etc., y aplica esto a todas las relaciones de poder y dominación, ya todas las luchas. También ha desarrollado una metodología integrada, que comprende el cuerpo, el espíritu, el corazón y la mente, incluyendo a la persona completa –la vida íntima diaria de mujeres y hombres a la vez que sus vidas laborales y comunitarias (NADEAU, 1996, p. 34)

Nesse contexto, é emergente que possamos questionar: o que disseram as mulheres sobre a Educação? Quem são as mulheres que compõem as fontes pedagógicas latino-americanas? Esses são alguns dos questionamentos que estamos desenvolvendo em um projeto inserido numa proposta de estágio pós doutoral, apoiada pelo Programa Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD/CAPES).

Para tentar responder essas perguntas, lemos as mulheres. Pesquisamos sobre suas concepções acerca da Educação. Buscamos saber sobre os temas que elas abordaram e abordam. O que elas disseram? Construíram escolas? Qual as Filosofias de Educação presente nas suas obras? E nesse movimento, nos deparamos com uma Educação Popular Feminista^[1], pautada pelas *Pedagogias das Oprimidas* e as *Pedagogias feministas*. Conceitos que também estamos revisando bibliograficamente.

La esperanza de las educadoras populares feministas es que toda la educación popular sea feminista y antirracista, incorporando un análisis de género, usando una metodología integrada y enfocándose en la persona entera. Esta es una metodología que puede usarse con mujeres y hombres en todo tipo de lucha y que representa un paso más en la transformación en marcha de la educación popular (NADEAU, 1996, p.

Optamos em apresentar o pensamento da mexicana Luz Maceira Ochoa e sua proposta de Pedagogia Feminista, como um de nossos objetivos. Luz María Maceira Ochoa é uma mexicana, doutora em Investigações educativas e mestra em Estudos de Gênero. Especialista em estudos de gênero na Educação. É professora e pesquisadora na área de diversidade e interculturalidade. Suas ideias tem sido um aporte teórico significativo para olhar essas mulheres que devem compor as fontes pedagógicas da América Latina, por desenvolverem distintas pedagogias feministas, seja no âmbito da educação formal, quanto das práticas educativas comunitárias.

Estamos falando de concepções epistemológicas que carregam em seu pensamento pedagógico o sonho da transformação social e a emancipação/libertação de povos, contribuindo no campo educacional (formal e não formal) para que homens e mulheres lutem pela vida que acreditam em lhe ser melhor.

São diálogos epistemológicos construídos a partir de uma educação popular, que é feminista, e que dialoga com autoras latino-americanas feministas, como por exemplo: Marcela Lagarde (2005; 1994), Graciela Hierro (1990), Gabriela Mistral (2017)^[2], Ivone Gebara (2000), Francesca Gargallo (2004), Nísia Floresta^[3], entre outras. Essas autoras são referências para nossa pesquisa, pois questionam o patriarcado, as violências, desigualdades e violências existentes nos seus cotidianos, bem como o lugar das mulheres, e as concepções de Educação, instaurando outras pedagogias e temas para a educação.

Buscamos una emancipación que cuestione y vaya quebrando las miradas, prácticas y representaciones sociales dicotómicas, opresivas, haciendo caminos hacia la creación de un feminismo socialista, latinoamericano; revolucionário y revolucionado en sus propuestas y conceptos; claro y consistente en sus definiciones y búsquedas; transparente en sus opciones éticas; reconstructor de los procesos históricos; transformador de lo personal/político; comprometido con todos los sectores explotados, subordinados, silenciados, oprimidos, deslegitimados. Un feminismo que simultáneamente ayude a abrir caminos, que en la dimensión de la vida cotidiana ensaye nuevas dinámicas relacionales que incluyan luchar, ya no sólo por mejores condiciones de vida en el sentido económico; sino también optar por relaciones sociales más equitativas, sin jerarquías, sin discriminaciones, sin desigualdades (KOROL, 2007, p. 3-4).

Há algumas décadas os estudos feministas tem desafiado o campo da Educação e da Educação Popular. Trata de um movimento heterogêneo e mundial. Ainda no século XIX o movimento feminista esteve apoiado na luta pelo direito à escola e a favor da abolição da escravidão, educação das mulheres, acesso das mulheres a espaços públicos. Antes mesmo da década de 60 muitas mulheres lutaram por seus direitos, especialmente ao que diz respeito ao sufrágio. Ao olhar para os últimos 50 anos de feminismo no Brasil, Argentina e Chile, Blay e Avelar (2017, p. 9) relatam que:

Nos últimos cinquenta anos, o movimento feminista da América Latina conduziu uma mudança cultural visível sobretudo no trabalho, na educação, na estrutura familiar, na política e no uso das mídias escritas, visuais e digitais. Contudo, foram necessários anos de mudanças progressistas, o passado resistindo em confronto com o presente. Nas últimas décadas, a sociedade e, em particular, as mulheres atravessaram tempos de ditadura até o alcance da democracia; na etapa contemporânea, se desenvolvem processos de construção de novos paradigmas culturais, a incorporação de novas tecnologias, como a virtual, e velhos e novos conflitos entre os movimentos sociais.

No Brasil do século XIX encontramos mulheres que liam as feministas Norte Americanas e Europeias e tentavam modificar a Educação colonial, machista e patriarcal presente nos países da América Latina. Como exemplo, podemos falar de Nísia Floresta Brasileira Augusta, que adotou esse pseudônimo e outros tantos, para conseguir fugir de um casamento obrigado^[4], e poder dizer o que pensava acerca dos direitos humanos para as mulheres, da educação que sonhava para meninas, denunciar as injustiças feitas às amas de leite, mulheres negras, indígenas e escravos/as. Uma mulher que esteve à frente de seu tempo, como uma de suas biógrafas, Constança Duarte já demonstrou^[5]. Uma educadora que teve dificuldades de romper com a educação moralista oriunda da moral cristã, que estava muito viva no século XIX.

Nísia Floresta também é conhecida como uma "pré-feminista", pois em pleno século XIX, fundou duas escolas para meninas no Brasil (uma no Rio de Janeiro e outra em Porto Alegre), propunha um currículo ousado para a época, onde as meninas, além de bons costumes, coser e costurar, aprendiam línguas e a sonhar com cargos públicos, por exemplo. Nísia provocava as meninas e mulheres de seu tempo a almejar ocupar espaços que iam além de suas casas, pois anunciava e denunciava que as mulheres viviam em condições desiguais, que eram submetidas ao pai e irmão, e depois aos maridos. Ao denunciar essas realidades marcadas pelo patriarcado, Nísia Floresta constrói um arcabouço de ideias que foram chamadas de Filosofia da Educação Nisiana^[6].

Uma fervorosa patriota e viajante. Foi romancista, educadora, professora, literata, filósofa autodidata e tratou de diversos temas em suas obras como por exemplo: Educação brasileira; Amas de leite; Descaso com as escolas e educação das meninas no Brasil; Ensino no Brasil colônia; Escravidão; Machismo; Exploração sexual; Trabalho escravo; Equidade de gênero; Costumes da sociedade brasileira; Religião; Leis e Direitos Humanos; Povos Indígenas; Mães brasileiras; Família brasileira do Século XIX; Abolição; Direitos e Deveres das Mulheres, e as injustiças dos homens^[7]; Viajantes estrangeiros do século XIX; Situação das Escolas Públicas do Século XIX; História do Brasil, entre outros^[8].

Para pensarmos "**Educação, Democracia e Justiça Social**", que é a proposta da XII ANPED SUL, acredita-se que não podemos deixar de fora o pensamento das mulheres que compõem as fontes da Pedagogia Latino-Americana. Uma revisão bibliográfica urge no campo da educação Latino Americana. Não se trata apenas de concepção epistemológica, mas sim, de uma questão ética, como nos ensinou a filósofa Graciela Hierro (1990).

O exercício de ler, pesquisar, estudar na formação docente o pensamento pedagógico das mulheres ainda é pouco realizado. A filósofa Angela Davis problematizou o que conceituou como "Democracia da Abolição". Enquanto militante negra e feminista, tem contribuído para pensarmos a Democracia Latino Americana, bem como as questões de raça e classe. Ao denunciar as intimidações, violências que negros e negras sofreram e sofrem, bem como as negligências que essa parte da população sofre, Davis nos acentua o recorte de "classe-raça" e nos aponta problematizações que desvelam uma escravidão não abolida. As mulheres têm impulsionado outros temas para a Educação Popular, mas, ainda precisamos olhar para as mulheres da história do pensamento^[9].

Cuando revisamos la historia, y más concretamente la historia del pensamiento, una duda nos asalta: ¿donde estaban las mujeres durante la ardua construcción de las gestas de la Teoría? Evidentemente pocos naturalizarán ya esta ausencia justificándola como una supuesta inferioridad intelectual de la mujer, pero aun así cabe la aseveración sumaria de que la historia no puede cambiarse y que, aunque el futuro nos posibilite un mayor protagonismo, debemos asumir una modesta aportación en el pasado (MAGDA, 1997, p. 7)

A pesquisa aqui apresentada, trabalha na perspectiva descolonial e de despatriarcalizar o pensamento. Acredita-se que não há como descolonizar, sem despatriarcalizar e vice versa. María Lugones (2014) nos dá embasamento para essa ideia, na medida que tece a ideia de feminismo descolonial e quando faz a crítica a colonialidade de gênero^[10]. Para Lugones (2014, p. 940) "descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando uma transformação vivida do social".

Queremos investigar as mulheres das fontes pedagógicas latino-americanas, e questionar quais as mulheres têm contribuído para denunciar a realidade da população negra e pobre através dos movimentos sociais e/ou da Educação, reconhecendo que:

El feminismo es una corriente política de la modernidad que ha cruzado la historia contemporánea desde la Revolución Francesa hasta nuestros días, aunque tiene antecedentes que pueden rastrearse en los escritos de la Edad Media y el Renacimiento (GARGALLO, 2004, p. 5).

Davis (2009, p. 109) nos lembra que “a lei não pode por si só criar a justiça social”. Nesse sentido, “ainda estamos atormentados com muitos dos mesmos problemas de desigualdades em relação à economia, raça e gênero” (DAVIS, 2009, p. 109). Entendemos que a justiça social perpassa por aprendermos a ser justos, a olhar para os/as pobres e esfarrapados/as do mundo. Sabemos que os movimentos sociais nos ajudam a pensar numa parcela da população, geralmente esquecida, submetida, silenciada e vista como menos importantes- e nesse conjunto estão as mulheres. E ainda, que “os movimentos de mulheres do Brasil, da Argentina e do Chile são dos mais destacados nos círculos internacionais” (BLAY; AVELAR, 2017, p. 9).

Freire se faz presente nesses trabalhos, pois denuncia as opressões e subordinação que contribuem para a subordinação das mulheres. A Educação Popular tem contribuído para a mudança da condição de vida das mulheres, passando de seres subordinadas às cidadãs.

A partir da (re) leitura feminista de Freire, a Educação Popular busca a valorização, a humanização e a libertação das mulheres, fortalecendo os grupos de mulheres, e valorizando seus saberes e fazeres. Cabe destacarmos que:

El grupo es importante tanto porque el conocimiento se construye de manera colectiva (se aprende con y de las otras personas), como porque es el espacio para la articulación entre mujeres, a partir de la cual se logran la identificación genérica, la construcción de referentes, la alianza política y la definición de acciones comunes para atender problemas e intereses compartidos (OCHOA, 2008, p. 165).

Podemos dizer que há um campo de saber específico dentro da Educação Popular que se constrói a partir da crítica feminista, trabalhando com outras sujeitas, outras pedagogias. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em ‘coisa’, em algo que é como se fosse inanimado. [...] Os oprimidos, como objetos, como quase ‘coisas’, não tem finalidades (FREIRE, 1983, p. 50).

Muitas foram aquelas que falaram sobre Educação. Na Filosofia, também estudamos pouco as filósofas e suas ideias^[11]. As fontes filosóficas escritas por mulheres são pouco (re)visitadas. Tanto que temos coleções de “pensadores” que não incluiu até hoje “as pensadoras”. Dessas que falaram sobre Educação, recordo-me da filósofa Hannah Arendt que em sua obra “Entre o passado e o futuro” se propôs a refletir sobre a crise na Educação. Arendt (2003, 221) lembra que a crise periódica da educação, fez com que a educação se tornasse “um problema político de primeira grandeza, aparecendo quase diariamente no noticiário jornalístico”. Mesmo não sendo uma “educadora profissional” como mesmo denominou, Arendt (2003) fala da crise no sistema escolar, denuncia o descaso das autoridades educacionais e deixa claro que “na América, indiscutivelmente a educação desempenha um papel diferente e incomparavelmente mais importante politicamente do que em outros países” (Arendt, 2003, p. 223). Tal afirmação se dá pelo fato histórico e político de que a América foi historicamente colonizada por imigrantes, com uma fusão de grupos étnicos diversos. É importante ressaltar que o fato de lermos as mulheres no campo da educação é uma atitude revolucionária, assim como “citar é um ato político”^[12].

[...] reivindicamos não apenas a Educação Popular como caminho político e metodológico, mas sobretudo uma Educação Popular Feminista (ROSA; SILVA, 2017, p. 121).

Ao lermos as pensadoras, rompemos com estruturas de poder, colonialistas e patriarcais, abrindo para o novo, o inédito. Sabemos que essa discussão entre “Feminismo e Educação Popular” no campo da Educação Popular aparece timidamente e pode ser mais evidenciada, problematizada, estudada...

A busca por Mulheres das Fontes Pedagógicas da América Latina

Aspectos metodológicos

A proposta de pesquisa apresentada nesse texto surge de uma necessidade da autora, enquanto educadora popular e professora universitária de seguir estudando sobre as fontes pedagógicas latino americanas- *numa perspectiva feminista*. Um trabalho que é denso, mas que é possível com pesquisas no campo da Educação Popular. Trata de um sonho, de ver uma história construída “desde abajo y desde el Sur” (CARRILLO, 2014).

Así, ‘Abajo’ y ‘Sur’ son expresiones espaciales y asimismo políticas, acuñadas desde variados lugares (literarios, investigativos, conceptuales) y luchas que devalan opresiones y exclusiones que están presentes en otros ámbitos de la vida social. En tal contexto, el propósito de este libro es contribuir a la comprensión de la historia como conocimiento y su configuración como disciplina científica y memoria del poder, de la emergencia y devenir de diferentes concepciones y prácticas historiográficas que se ha reivindicado como críticas y alternativas al modo de producción de conocimiento hegemónico, algunas de ellas hechas “desde el revés de la historia”, comprometidas con las luchas y aspiraciones de los oprimidos, colonizados y ‘condenados de la tierra’. (CARILLO, 2014, p. 8-9).

O processo de pesquisa aqui apresentado, iniciou com a busca de fontes diversas, leituras de obras que falam de uma educação latino-americana, obras escritas por mulheres educadoras feministas e não feministas. Além disso, esse trabalho se enriqueceu com uma parceria interinstitucional, onde passaram a dialogar pesquisadoras de três Universidades Federais brasileiras, que são feministas e atuam no campo da Educação Popular. Um trabalho integrado, que aproximou pesquisas de pós-doutoramento, que possuem o mesmo foco- Educação Popular e Feminismos. Após essa primeira etapa, iniciou-se os estudos de revisão bibliográfica de conceitos que sustentam o trabalho de resgate das fontes pedagógicas latino-americanas- os conceitos de *Pedagogia Feminista e Educação Popular Feminista*. Teorias que se se propõem a identificar, analisar e incluir novos temas no campo da educação e da Educação Popular. Por se tratar de conceitos ainda pouco explorados no campo da Educação Latino-Americana, reconhecemos que esse trabalho não irá esgotar a investigação, no entanto ela é fundamental, pois são educadoras populares feministas que os propõem e pensam, e as mesmas irão compor nossa pesquisa.

Para desenvolver essa pesquisa adotamos o critério de selecionar mulheres que de alguma maneira abordaram e/ou abordam temas relacionado às mulheres, direitos humanos e libertação das mulheres; Educação para meninas e as mulheres; Feminismos; Questões de gênero, e outros temas que dialogam com a Educação Popular numa perspectiva de emancipação feminina.

Optamos por investigar mulheres que contribuíram/contribuem para as fontes da Pedagogia Latino Americana, não necessariamente que sejam professoras, tampouco feministas. Buscamos por mulheres que são latino-americanas, e que de alguma maneira abordam temas relacionados aos direitos, educação e/ou movimentos de mulheres.

No mapeamento inicial adotamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, primeiramente com estudos no campo do feminismo; “Educação Popular e Feminismos”; “Epistemologias Feministas”; “Educação Popular Feminista”; “Pedagogias Feministas”, e somente a partir dessa revisão bibliográfica é que mapeamos as mulheres de diferentes países da América Latina.

Com a etapa da leitura das obras e de artigos, trabalhos sobre as mulheres das fontes pedagógicas tem sido possível mapear outras pesquisadoras que estudam mulheres, e construir a proposta de uma Antologia (em construção).

Algumas histórias de vidas e atuação de mulheres no campo social e educacional nos motivaram para a construção de uma Antologia dessas mulheres. Estaremos buscando pelas teorias dessas mulheres, conforme país de origem: México (Luz María Maceira Ochoa e Marcela Lagarde de Los Ríos); Cuba (Celia Sánchez Manduley e María Luisa Dolz y Arango); República Dominicana (Salomé Ureña Díaz de Henríquez); Argentina (María Lugones e Cláudia Korol); Bolívia (Julieta Paredes Carvajal e Silvia Rivera Cusicanqui); Brasil (Nísia Floresta, Heleieth Saffioti e Moema Libera Viezzer); Chile (Marcela Gajardo e Jaqueline Caniguán); Colômbia (Lola Cendalez e Soledad Acosta de Samper); Equador (Dolores Cacuango ou Mamá Dolores e Manuela Sáenz); El Salvador (María Guadalupe Martínez); Guatemala (Rigoberta Menchú); Venezuela (Teresa de la Paca).

No obstante es notable el camino que las mujeres hacen al andar. En lucha con su destino, programadas como estaban por una cultura falocrática, supieron rebelarse silenciosamente y, peces solidários nadando contra la corriente, perturbadas en la unidad de sus espíritus por el enfrentamiento, rindiendo tributo a los condicionamientos sociales en mengua de su capacidade creadora, en la imposibilidad, tantas veces, de estar presentes en campos donde el intercambio humano se enriquece, emergieron, superando vallas, en marchas y contramarchas, para instalarse definitivamente en la Historia (MIGUEL, 1998, p. 11-12).

Dentro das escolhas metodológicas para esse trabalho, optamos por compartilhar parte da proposta da Pedagogia Feminista de Ochoa, a partir de sua obra “El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una Propuesta”^[13], dialogando com a educação popular e feminismos.

Luz Maceira Ochoa e a Pedagogia Feminista a partir da Educação Popular

[...] hay una relectura de la educación popular, los principios de ésta se entrecruzan con una óptica feminista y se ponen en juego sus convergencias como pedagogías críticas y liberadoras para hacer un trabajo con las mujeres (OCHOA, 2008, p. 139).

Como podemos perceber ao decorrer do texto, os movimentos feministas fortalecem nossos estudos no campo da Educação Popular, pois as mulheres se movimentam, e ao se movimentarem produzem teorias e metodologias educativas, que transgridem, emancipam e rompem com o patriarcado e o colonialismo epistemológico e social.

A obra “El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una propuesta” é fundamental para a nossa pesquisa, pois pesquisar e estudar as mulheres das fontes pedagógicas latino-americanas, numa perspectiva feminista, implica conhecer e teorizar acerca de uma Pedagogia Feminista, que cita as mulheres e olha para os feminismos, para se construir uma Educação Popular Feminista. A obra de Ochoa, pode ser considerada um marco para a Pedagogia Feminista Latino-Americana.

Ochoa (2008) constata que a educação popular é o único discurso meramente educativo com que há um diálogo e interação com projetos educativos feministas. Para Ochoa (2008, p. 138):

El vínculo entre el feminismo y la educación popular tiene una fuerza distinta en cada caso y está trabajado en mayor o menor medida, en términos de una crítica y reelaboración de la educación popular desde la óptica feminista y las necesidades del trabajo con mujeres. En la mayoría de los casos el feminismo y la educación popular se identifican como perspectivas convergentes, tanto por la perspectiva de construcción social de la realidad que subyace a ambas, por el objetivo emancipador, como por lo que implicaba para el fortalecimiento de las mujeres en términos prácticos el participar en un proyecto de educación popular.

Um conceito chave em Ochoa (2008) é o de “mediação”^[14], pois ela observou que nos projetos educativos feministas, geralmente não se separa o conteúdo da metodologia, tampouco o processo pessoal do grupal. Dentre as operações e meios em que a pedagogia feminista se sustenta, Ochoa (2008) destacou: (1) as operações de desconstrução-construção; (2) Conscientização; (3) Prática; (4) Expressão; (5) Identificação da semelhança e (6) diferença. Essas são mediações para a aprendizagem na Pedagogia Feminista.

[...] en los procesos educativos feministas se busca deconstruir los discursos, los códigos culturales, las identidades genéricas, las relaciones de género y las formas de poder existentes para desnaturalizarlas y para desmontar de la subjetividad las formas de opresión y dominación asumidas (OCHOA, 2008, p. 175).

Queremos destacar a mediação *deconstrucción-construcción*, pois para o resgate das fontes pedagógicas da América Latina, numa perspectiva feminista está contida a ideia de desconstruir para construir, visto que “la deconstrucción es una de las claves de algunas vertientes del feminismo actual” (OCHOA, 2008, p. 176). (Des) construir significa para essa pensadora, que para transformar algo é preciso reconhecê-lo, resignificá-lo e desmontá-lo. Conforme Ochoa (2008) o feminismo é a crítica desconstrutiva do humanismo moderno, trata de uma visão crítica, que reivindica um novo sujeito, constrói um novo paradigma, desmonta valores, conceitos, normas, crenças, e gera outros novos, criando alternativas em um processo dialético.

A proposta da Pedagogia Feminista de Ochoa, contribui para futuros trabalhos no campo da Educação Popular. É leitura obrigatória para quem quer olhar para a Educação Popular, numa perspectiva feminista, pois fundamenta, cria, e sistematiza uma sólida concepção de educação- que é feminista, popular e construída por mulheres da América Latina. Mesmo que seu trabalho de pesquisa foi desenvolvido com mulheres, no âmbito da educação não formal, sua proposta de Pedagogia Feminista pode ser (re) construída em outros espaços.

A Educação Popular é a base de sua Pedagogia Feminista, onde são evidenciados aspectos como, práticas democráticas, criativas e participativas; Valorização de técnicas didáticas dialógicas, bem como a concepção de educação como um processo social, numa visão de educação emancipatória e libertária para as mulheres, que valorizam os saberes populares de diferentes grupos étnicos, o trabalho coletivo, entre outros aspectos.

Há intencionalidade epistemológica na Pedagogia proposta por Ochoa. Ela parte da Educação Popular, mas demarca um território, que é feminista, e construído por mulheres, demonstrando com exemplos práticos-metodológicos que as Pedagogias Feministas possuem elementos, que a Educação Popular precisa valorizar, como por exemplo, a própria condição de subordinação das mulheres, as dimensões simbólicas, afetivas e subjetivas, bem como as práticas que rompem com os silenciamentos e ocultamentos das mulheres no campo da Educação.

Do ponto de vista metodológico a Pedagogia Feminista tecida por Ochoa, provoca, explicitando que nós, mulheres, temos muito o que

contribuir na Educação Popular, pois nossas pedagogias são lúdicas, participativas, com técnicas variadas que partem das subjetividades e corpos de mulheres. Contribuímos com aprendizagens significativas e práticas, além de legitimarmos saberes, tanto através das concepções teóricas e metodológicas, quanto em nossas ações. Sendo a *subjetividade* e o *corpo* dimensões chave para a Pedagogia Feminista.

Muitas pensadoras latino-americanas têm contribuído para visibilizar a produção de conhecimento das mulheres a partir de metodologias criativas, buscando a emancipação, a dignidade e o reconhecimento das mulheres.

As educadoras populares feministas olham para as histórias de vida de mulheres e suas experiências, e denunciam a invisibilidade dos conhecimentos das mulheres, ao longo da história.

Educação Popular e Feminismos: algumas considerações finais

Encontramos nas “fontes pedagógicas” uma lacuna, um vazio epistemológico no que diz respeito a presença de mulheres educadoras. Conhecemos pouco suas histórias de vidas, suas teorias e práticas educativas escolares e/ou comunitárias. Quase não as citamos, pois para citá-las é preciso conhecê-las, tirá-las da invisibilidade, e trabalhar suas concepções epistemológicas no campo da formação de professores e professoras. Os pensamentos pedagógicos das mulheres nos apontam temas e metodologias, tanto de ensino, quanto de práticas educativas escolares e comunitárias.

Sabemos que “las feministas desafiaron la educación popular ‘asexuada” (NADEAU, 1996, p. 36). O feminismo em diálogos com a Educação popular incomoda, desacomoda e provoca um (re) olhar epistemológico e metodológico até mesmo para nós, mulheres.

Ainda precisamos saber o que a Educação Popular tem de feminista? Estamos, nós feministas conseguindo trabalhar feminismo na Educação Popular? A partir de quais temas e metodologias? De que maneira essas teorias e metodologias feministas são estudadas? As feministas latino-americanas têm clareza de suas metodologias feministas?

Algumas mulheres latino-americanas têm afirmado que há uma Educação Popular Feminista. As mulheres vêm (re) pensando a Educação Popular a partir de suas realidades e vivências feministas em um sistema patriarcal. Na maioria das vezes são elas que pesquisam outras mulheres, como uma busca por si mesmas, por se encontrarem como seres pensantes. Isso é recorrente em todo o mundo- são as mulheres que geralmente buscam conhecer os saberes e histórias de vidas de outras mulheres.

Temos pensadoras (re) pensando a Educação Popular numa perspectiva feminista na América Latina. A educadora popular e feminista argentina, Claudia Korol (2007) fala de uma Pedagogia Feminista dos corpos, que desorganiza as relações de poder. Essa pedagogia é subversiva e revolucionária, porque busca recuperar o valor da subjetividade, assumindo o marxismo, a teologia da libertação, a crítica ao capitalismo e a dominação, tendo nas suas práticas a valorização da mística. A brasileira Cecília Sardenberg (2006 e 2011) pensa na perspectiva plural das pedagogias feministas, visto que são pedagogias diversificadas, comprometidas com a diversidade étnico-cultural e sexual, antirracista, antissexista e feminista.

Ao estudar o pensamento de Luz Maceira Ochoa (2008), que nos apresenta os fundamentos e motivos para se fazer uma Pedagogia Feminista, constatamos que algumas pesquisadoras feministas do campo da Educação caminham para um autorenhecimento, enquanto educadoras populares feministas, e buscam a valorização de suas práticas que compõem as Pedagogias Feministas. Ochoa se destaca com sua teoria, e nos aponta metodologicamente, caminhos para fortalecermos os estudos feministas no campo da Educação Popular, em diálogo com os diferentes feminismos. Há outras pensadoras feministas ou não, que atuam no campo da educação popular, e que merecem nosso reconhecimento. Podemos afirmar que as Pedagogias Feministas em diálogo com as feministas Latino-Americanas, têm ampliado o debate no campo da Educação Popular na medida que regatamos os saberes e os fazeres de mulheres.

Ouvir o que as mulheres disseram e tem a dizer quanto a educação é uma opção epistemológica, incluyente e humanizadora. Questionar quais suas contribuições, que temas problematizam, como pensam a educação, são exemplos de temas que a educação popular deve se preocupar.

Nesse (re) pensar as mulheres como/nas fontes pedagógicas estamos encontrando temas que não estão sendo trabalhados na formação de professores/as, tampouco estão anunciados em nossas pesquisas no campo da educação popular. O próprio conceito de Pedagogia Feminista precisa ser melhor trabalhado e estudado. Optamos por apresentar a Luz Maceira Ochoa e a sua compreensão sobre Pedagogia Feminista. Trata-se de uma pedagogia que se propõe romper com o patriarcado.

Nós, feministas que atuamos na educação popular ainda precisamos marcar um campo de atuação- **aEducação Popular Feminista**, que é uma educação que pensa a partir das *Pedagogias Feministas*, e as mulheres como/nas fontes, ainda pouco estudadas e pesquisadas, além de (re) olhar para as teorias pedagógicas a partir das *Pedagogias das Oprimidas*.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (Orgs). **Pesquisa-Educação. Mediações para a transformação social**. Curitiba: Appris, 2017.

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectivas: São Paulo, 2003.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia. **50 Anos de Feminismo. Argentina, Brasil e Chile**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

CARRILO, Alfonso Torres. **Hacer historia desde Abajo y desde el Sur**. Colômbia: Ediciones desde abajo, 2014.

DAVIS, Angela Y. **A Democracia da Abolição. Para além do império, das prisões e da tortura**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

DUARTE, Constância Lima. **Nisia Floresta. Vida e Obra**. Natal: UFRN. Editora Universitária, 1995.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org^a). **Também há Mulheres Filósofas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

FLORESTA, Nisia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez/ Fundação José Augusto, 1989.

GARGALLO, Francesca. **Las ideas feministas latino-americanas**. México: Creatividad feminista, 2004. Disponível em: < http://pmayobre.webs.uvigo.es/descargar_libros/las%20ideas%20feministas%20latinoamericanas.pdf >. Acesso: março, 2018.

HIERRO, Graciela. **Ética y Feminismo**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

MIGUEL, María Esther de. Prólogo. In: **Mujeres argentinas**. Buenos Aires: Alfaguara, 1998.

NADEAU, Denise. **Educación Popular Feminista: Creando una nueva teoría y práctica** Palabra de mujer: Aquelarre. Summer/Fall, 1996, p. 33-35.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una propuesta** México: El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da Gente Brasileira. Colônia**. Vol. 1. São Paulo: Leya, 2016.

KOROL, Claudia (org^a). **Hacia una pedagogia feminista. Géneros y educación popular**. Colección cuadernos de Educación Popular. Editorial El Colectivo/América Libre: Buenos Aires, 2007.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa. Revista de Humanidades**. Nº9, julio-diciembre. 2008, p. 73-101. Bogotá, Colômbia: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Colombia. Disponível em www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600906. Acesso em maio, 2018.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**. Nº 22, setembro-dezembro, 2014, p. 935-952.

MAGDA, Rosa Maria Rodriguez (Ed.). **Mujeres en la historia del pensamiento**. Barcelona: Editorial Anthropos. 1997.

MAGDA, Rosa Maria Rodriguez. Introdução. In: MAGDA, Rosa Maria Rodriguez (Ed.). **Mujeres en la historia del pensamiento**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1997, p. 7-14.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una propuesta**. México: El colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, programa interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. Descobrimo historicamente o gênero. CNT: Compostela, 2012.

SARDENBERG, Cecília. Pedagogias feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. **Caderno Gênero e Trabalho**, REDOR, p. 44/57, 2006.

SARDENBERG, Cecília. Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Orgs.). **Ensino e Gênero: perspectivas transversais**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM): Salvador, 2011, p. 17-32.

ROSA, Graziela Rinaldi da; SILVA, Márcia Alves da. Práticas educativas feministas no Brasil: perspectivas epistemológicas antipatriarcais e a pedagogia feminista. In: Sarita Amaro; Véronique Durand. (Org.). **Veias feministas: memória, desafios e perspectivas para a mulher no século 21**. 1ed. Porto Alegre: Bonecker, 2017, p. 121-146.

ROSA, Graziela Rinaldi da Rosa. **Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na filosofia de educação nisiana**. (tese) Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/GrazielaRinaldidaRosa.pdf>. 2012.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **As Relações de Gênero na Filosofia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reinvidicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

[1] Três autoras que trabalham o conceito de “Educação Popular Feminista” tem nos inspirado nessa pesquisa. Ler: NADEAU, Denise. **Educación Popular Feminista: Creando una nueva teoría y práctica** 1996; OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una propuesta**. 2008; KOROL, Claudia (org^a). **Hacia una pedagogia feminista. Géneros y educación popular**. 2007. No Rio Grande do Sul, encontramos os estudos realizados no estágio de pós doutoramento da professora Dr^a Aline Cunha (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS). Aline pesquisa a **Educação Popular Feminista e a pedagogia no pensamento de Moema Viezzer** no Programa de Pós-Graduação em Educação- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS, sob coordenação da Prof^a Dr^a Edla Eggert.

[2] Sobre seu pensamento pedagógico, ver: MISTRAL (2017). Cabe destacar que são raras as obras que falam especificamente do pensamento pedagógico de pensadoras, ou seja, sua Filosofia da Educação.

[3] Sobre a Filosofia de Educação de Nísia Floresta ver: "Nísia Floresta e a reforma na Educação no Brasil em busca da equidade de gênero" (ROSA, 2010). Ver também "Transgressão e moralidade na formação de uma "matrona esclarecida: contradições na filosofia de educação nisiana" (ROSA, 2012).

[4] Priore (2016, p. 350) fala sobre esse tema, e explica que mesmo que a Igreja considerasse o vínculo do matrimônio indissolúvel, esse nem sempre se extinguia com a morte de um dos cônjuges.

[5] Ver: Duarte (1995), uma obra que apresenta a vida e obra de Nísia Floresta.

[6] Trata de uma pesquisa realizada no PPG-EDU/UNISINOS (2008-2012). Intitulada: *Transgressão e Moralidade na formação de uma matrona esclarecida: contradições na Filosofia de Educação Nisiana*. Disponível no site: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/GrazielaRinaldidaRosa.pdf>

[7] Esse tema Floresta problematiza a partir de uma tradução livre da obra de Mary Wollstonecraft, "Reivindicação dos Direitos da Mulher". Trata de um clássico feminista, datado de 1792, escrito por uma mulher que vivia em Londres, e exigia justiça para as mulheres enquanto cidadãs, em uma época que acabava de ser promulgada a Constituição Francesa. Ver referências.

[8] Muitos desses temas são tratados na sua obra "Opúsculo Humanitário". Ver: FLORESTA (1989).

[9] Sobre o assunto, ler a obra *Mujeres en la Historia del Pensamiento*, organizada por Magda (1997).

[10] Ver Lugones (2014) e Lugones (2008).

[11] Para saber mais sobre esse tema, ver: Ferreira (2001); Rosa (2012).

[12] Essa afirmação é da filósofa Urania Ungo, e foi dita à filósofa Francesca Gargallo, que a citou em sua obra "Las ideas feministas latino-americanas" (2004, p. 9).

[13] Esse livro é fruto de uma pesquisa em que sistematizou as experiências da educação feminista não formal, em organizações feministas do México, a partir de entrevistas com oito mulheres e fundamentando um pensamento pedagógico crítico e feminista, com aportes pedagógicos e filosóficos consistentes, que defendem uma Pedagogia Feminista na América Latina.

[14] Sobre a temática mediação na Educação Popular, sugiro a leitura do livro: "Pesquisa-Educação. Mediações para a transformação social". Ver referências.